

Premiados são indicados pelas unidades e selecionados por especialistas externos à Universidade

O prêmio aos cérebros que fazem a Unicamp

Foto: Antoninho Perri

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

Na manhã do dia 12 de dezembro, a Unicamp entregou a 19 professores o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico Zeferino Vaz, o maior concedido pela atividade docente na instituição. A solenidade aconteceu durante reunião extraordinária do Conselho Universitário (Consu), presidida pelo reitor José Tadeu Jorge, que lembrou que o prêmio foi criado há 16 anos, mas que nunca esteve tão sintonizado com o momento da Universidade, na comemoração dos seus 40 anos. “Este foi o ano em que a Unicamp recebeu mais prêmios, concedidos pela Capes, Finep e Petrobras, entre outros. É sinal de que entidades públicas e privadas reconhecem a contribuição da Unicamp ao país em todos os sentidos. Por isso, é importante que tenhamos um prêmio interno que represente o reconhecimento e o estímulo à continuidade do trabalho.” O reitor também fez uma referência a Zeferino Vaz, que dá nome ao prêmio, recordando uma das frases célebres do fundador da Universidade. “Os premiados mostram que a Unicamp se faz com cérebros, cérebros e cérebros. Lá pelo quinto lugar, vêm o tijolo e a infra-

Dezenove professores têm atuação acadêmica reconhecida

estrutura”.

Tadeu Jorge fez uma distinção, entre os premiados, a Antonio Carlos de Moraes, da Faculdade de Educação Física. “Ele representa o espírito da Unicamp: a busca de conhecimento como missão para oferecer benefícios à sociedade. Eu não poderia deixar sua história passar em branco numa solenidade como esta”, acentuou. Por mais da metade da vida, o professor Antonio Carlos pisou o mesmo chão que Zeferino Vaz, Cesar Lattes, Otávio Ianni e outros ícones da instituição. Com 46 anos no campus, é um dos vencedores do Prêmio de Reconhecimento Acadêmico Zeferino Vaz.

Vale o *flash back*. Antonio Carlos, hoje livre-docente da FEF, ingressou na Unicamp quando tinha apenas 14 anos, como mensageiro da Diretoria Geral da Administração (antiga DGA-3). Muitas vezes teve que encarar questões incomuns à sua idade e maturidade profissional. Suplantou-as, inclusive os reveses. Inteirou-se da rotina do trabalho e galgou novas funções, chegando finalmente à FEF para atuar como secretário de departamento e depois como técnico esportivo.

Estimulado em casa pelos pais e irmãos, formou-se em educação física e, depois de concluído o mestrado, passou no concurso para professor MS-3. Ingressou como docente da FEF em 1994, concluiu o doutorado em 1999 e o pós-doutorado

O professor Antonio Carlos de Moraes, da FEF, recebe o certificado do reitor José Tadeu Jorge: ingresso na Unicamp como mensageiro e hoje livre-docente



em Portugal em 2004. Foi chefe do Departamento de Ciências do Esporte, ao qual é ligado. Na graduação, ministra as disciplinas de pedagogia do futebol e treinamento em futebol de Campo; na pós, fundamentos de eletromiografia.

Antonio Carlos conta que sempre recebeu incentivo também dos professores da unidade, como João Batista Tojal, diretor na época, e a orientadora do mestrado e doutorado, Antonia Bankoff. Diz, portan-

to, que o prêmio foi uma consequência das suas escolhas e que elas vieram muito naturalmente. “Eu vou me preparando, mas sem pressa. O próximo alvo é chegar a titular”. Sobre ser o exemplo, ele se considera “um” exemplo. “As pessoas que pretendem seguir carreira universitária devem, na verdade, estudar muito e se dedicar às tarefas com um foco bem-definido”.

Os contemplados pelo Prêmio Zeferino Vaz receberam uma impor-

tância em dinheiro, correspondente a três salários-bases de um professor MS-6, mais o certificado da outorga, que foi instituída pelo Consu em 1990. O prêmio reconhece o desempenho acadêmico excepcional, sendo concedido mediante avaliações dos relatórios docentes trienais. Cada unidade de ensino e pesquisa indica um premiado por ano. Os premiados são selecionados por especialistas externos à Unicamp, após várias etapas de exame.

Fábula pessoana e crítica da desumanização ficam entre melhores do Concurso de Contos

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

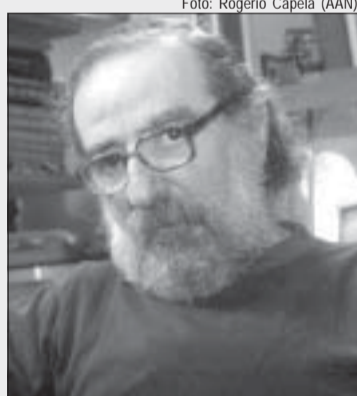
Cássio Henrique Dyna Corrêa Lorato pode tocar mal o baixo, jogar bola mais ou menos e escrever por necessidade e desepero, mas está entre os premiados no Concurso de Contos Unicamp Ano 40. Terceiro colocado nesta primeira edição, com o texto *Moacir encostado na parede*, no dia 12 ele participou da premiação na sala do Conselho Universitário da Unicamp, ao lado da primeira colocada

Marisa Philbert Lajolo. Professora aposentada da Unicamp e do Mackenzie, Marisa apostou em seu primeiro conto, intitulado *Fernando Pessoa, meu caro Watson*. O escritor J. Toledo, segundo colocado, não pôde comparecer à cerimônia, mas foi representado pelo jornalista Eustáquio Gomes.

O jovem escritor Cássio Henrique Lorato, formado no Instituto de Estudos da Linguagem, encantou o professor Marco Aurélio Cremasco, que até sugeriu um título ao livro: “Ápice da desumanização do outro”. Em síntese, Cremasco refere-se à leitura da sociedade atual na qual Lorato criou o personagem Moacir, um cidadão que caminha pela cidade até conseguir um empréstimo numa financiadora para pagar outras contas. Concursos como o da Unicamp, na opinião de Lorato, dão a oportunidade de os escritores desconhecidos publicarem seus textos. “Dizem que a literatura foi descartada, mas ela nunca



Marisa Lajolo: primeiro lugar na estréia como contista



J. Toledo, segundo colocado: vasta experiência em crônicas



Cássio Henrique Lorato, o terceiro: “Falta espaço para publicar”

será. A literatura existe, o que falta é espaço para publicar”, desabafa o jovem escritor, que vive entre o trabalho de professor em uma escola partitular e projetos sociais voltados à educação.

No conto *Fernando Pessoa, meu caro Watson*, de Marisa Lajolo, Alberto Caiero não é um pseudônimo de Pessoa, como na vida real, mas sim um poeta de quem ele “surrupia” os versos. O texto marca a estréia da professora como contista e sua primeira participação em concurso do gênero. Há quatro anos, ela publicou o romance *O destino em aberto*. “Depois de muitos anos escrevendo sobre obras de outros autores, decidi contar minha própria história”, disse na cerimônia de premiação.

O autor de *Jogo de Caxangá*, José Mário Arruda Toledo (J. Toledo), tem uma vasta experiência na produção de crônicas. Nascido em São Paulo, é também jornalista, artista plástico e fotógrafo, e escreveu os livros *Flávio de Carvalho – o comedor de emoções* (Brasiliense/Unicamp, 1994); *A divina com mídia – crônicas bizantinas* (Brasiliense, 1996), *Dicionário de suicidas ilustres* (Record, 1999) e *Dois uísques em Cafarnaum* (Record, 2006).

Os 40 melhores contos, selecionados entre 640 inscritos, serão reunidos em uma publicação a ser lançada pela Editora da Unicamp. A ideia é repetir o Concurso de Contos a cada dois anos e está confirmada a realização da segunda edição em 2008. Da lista final de 40 premiados, divulgada em 29 de novembro, a comissão julgadora substituiu três contos por descumprimento do regulamento.

A mulher laureada na área de computação

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

A professora Claudia Bauzer Medeiros, do Instituto de Computação (IC), recebeu o prêmio oferecido pelo Instituto Anita Borg (ABI) em cooperação com a Sociedade Americana de Computação como uma das três mulheres que mais se destacaram mundialmente, fora dos Estados Unidos, pela contribuição prestada no desenvolvimento de pesquisa científica e pela atuação política em favor da inserção da mulher na computação. As outras duas personalidades agraciadas com o prêmio “Agentes de Mudança” foram Ijeoma Terese Ihenachor, da Nigéria, e Suriya Mayandi Thevar, da Índia.

Segundo a professora Claudia, o prêmio é uma iniciativa importante no momento em que as estimativas apontam, a partir dos anos de 1990, para a queda da procura por parte das mulheres nos cursos de computação. Ela explica que o efeito é mundial e a questão tem despertado a atenção das autoridades, associações e empresas, no sentido de estimular o aumento desta participação. Para citar um exemplo, Claudia Medeiros, que também preside a Sociedade Brasileira de Computação (SBC), relata a participação das mulheres nas Olimpíadas de Programação, promovidas anualmente pela entidade e coordenadas no IC. “As mulheres medalhistas concentram-se na faixa etária até 14 anos. Existe um desinteresse pela área após essa idade. Nas categorias a partir dos 18 anos, dificilmente se encontram mulheres competindo”, lamenta.

Uma hipótese apontada por especialistas é que a profissão, teoricamente, não permitiria interações sociais. De qualquer maneira, muitas iniciativas governamentais e empresariais estão surgindo no mundo com o objetivo de atrair mais mulheres jovens para a área. “São verdadeiras redes de financiamento de empresas como IBM, Hewlett Packard (HP) e Microsoft, que consi-



Claudia Medeiros, que preside a Sociedade Brasileira de Computação: empenho em atrair as jovens para o setor

deram a questão estratégica”, esclarece. No Brasil, a proporção de mulheres docentes na computação é relativamente grande. Dados da SBC apontam que 30% dos professores em departamentos de Pós-Graduação pertencem ao sexo feminino. Mas Claudia justifica que são profissionais de uma geração em que a procura era considerável. A preocupação maior, no entanto, é para os próximos anos, uma vez que a oferta está diminuindo. Uma alternativa, segundo ela, seria aumentar a multidisciplinaridade, criando laços entre a computação e outras áreas.

Na Unicamp desde 1985, a professora Claudia Medeiros acumulou uma vasta produção acadêmica em mais de 30 projetos de pesquisa na área de bancos de dados científicos e sistemas de informações geográficas. Possui parcerias com várias faculdades na Unicamp para o desenvolvimento de sistemas de informação. Entre as parceiras estão o Instituto de Geociências, a Faculdade de Engenharia Agrícola, o Instituto de Biologia e o Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura (Cepagri). Sua indicação ao prêmio partiu de especialistas que perceberam em sua contribuição aspectos importantes que justificariam o reconhecimento.